

### NOTAS SOBRE UM *EMUDECER* COLETIVO

*Nunca a tecnologia das comunicações foi tão aperfeiçoada; e, no entanto, nosso mundo se parece cada vez mais com um reino de mudos.*

*Eduardo Galeano*



<http://lenteazul.multiply.com/journal>

**G**aleano enuncia um contraponto que aguça o *lugar* crítico que aqui se intenciona partilhar. Que sentidos há para uma sociedade que *emudece*, curiosamente, no transcorrer de um momento histórico marcado pela primazia de modernos artefatos tecnológicos de informação e comunicação? Se é bem verdade que as TIC trouxeram possibilidades inimagináveis de circulação de informações, contribuindo para a reconfiguração de práticas interativas e de formatos comunicativos, não podemos nos furtar ao fato de que o conteúdo veiculado por elas é cada vez mais circunstancial e volátil, reforçando o imaginário próprio de uma sociedade que se consubstancia na ideologia da vida curta, assume o valor da novidade em detrimento ao da permanência e impõe o consumo

como critério de organização social.

Talvez aí esteja a chave para compreendermos uma *mudez* que se transmuta sob diferentes disfarces: negação da história, silêncio cultural, perda de memória coletiva, alienação e passividade ante a produção do conhecimento. Como nos alerta Galeano (2006), é preciso questionar por que não cessa de crescer o número dos que têm o direito a escutar e ver, a apreciar e consumir, ao passo que se tem reduzido vertiginosamente o número dos que têm o privilégio de se exprimir e criar.

De uma geração *Coca-cola*, imortalizada na música de Renato Russo na década de 80, vemo-nos agora diante de uma paródia ainda mais preocupante: a da geração *Copy-cola*.

Se naquela época denunciava-se o consumismo exacerbado de símbolos culturais estadunidenses pela juventude brasileira, hoje, com a "ciranda de feitiçarias tecnológicas" (HARVEY, 2004, p.178) que a todos enreda e submete, diz-se de uma geração que não apenas mantém os altos índices de consumo de modelos culturais importados, como também tende a se mostrar *incapaz* de atuar de forma produtiva diante do conhecimento.

Que sentidos podemos apreender dessa metáfora? Que não são nossos alunos autores do que dizem ou fazem? Que, *saltando* de um *link* a outro [e de um pensamento a outro], *recortam* informações disponíveis e *colam* idéias fragmentadas em uma *folha branca*? Que absorvem sem posicionamento crítico as inúmeras informações que vão se impactando ao seu redor? Acredito que esta não deva ser uma lógica tão simples, porque pensar assim é nivelar por baixo uma geração que traz a criatividade como marca pessoal e que não apenas convive com múltiplas linguagens e diferentes possibilidades de sentidos, como é capaz de criar novos códigos e formas outras de relações.

Em tempos de vivências instantâneas circunscritas sob o signo da informação, há que repensarmos o valor da **experiência** como aquilo que nos *acontece*, *toca* e, em especial, *transforma* (LARROSA, 2002). Pois a grande questão que está posta é o nosso compromisso com uma

experiência ético/estética que permita aos alunos *experimentarem* as informações, imagens e figuras simbólicas veiculadas pelas TIC, para que não aceitem facilmente o óbvio, tornem-se autores de suas idéias e façam sua voz e seus textos serem *ouvidos* na contramão de um *emudecer* coletivo.

.....

**Sobre o (a) autor(a):**

✓ *Bruna Sola Ramos: Doutoranda em Educação pelo ProPEd/UERJ; bolsista FAPERJ e integrante do Grupo de Pesquisa Educação e Comunicação.*

**Referências bibliográficas (ou textuais):**

- **GALEANO, Eduardo. A caminho de uma sociedade da incomunicação? In: MORAES, Denis. Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.**
- **HARVEY, David. O novo imperialismo. São Paulo: Loyola, 2004.**
- **LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr, n 19, 2002.**